

Impressões de viagem à Zona Bragantina do Pará

DIRCEU LINO DE MATTOS

O PRESENTE TRABALHO É O RESULTADO DE RÁPIDA VIAGEM REALIZADA, EM OUTUBRO DE 1955, ATRAVÉS DA CHAMADA ZONA BRAGANTINA, NO ESTADO DO PARÁ, PELO PROF. DIRCEU LINO DE MATTOS, SÓCIO EFETIVO DA A.G.B., ATUAL DIRETOR DA SEÇÃO REGIONAL DE SÃO PAULO E PROFESSOR DE GEOGRAFIA ECONÔMICA DA FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS E ADMINISTRATIVAS DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO.

BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA - OUTUBRO DE 1958 - N° 30
ASS. DOS GEÓGRAFOS DO BRASIL - SEÇÃO REGIONAL DE SÃO PAULO



Fig. 1

No dia 8 de outubro de 1955, em companhia da prof^a Marialice Moura Pessoa, antropóloga, e do Dr. Jorge Gustavo da Costa, secretário do Curso de Planejamento Regional da Escola Brasileira de Administração Pública, realizamos uma excursão de reconhecimento à região bragantina do Pará. Nosso itinerário foi o seguinte: Belém, João Coelho, Castanhal, São Miguel do Guamá, Bonito, Castanhal, Belém. O presente relato trata somente de uma das áreas visitadas — a de João Coelho — e não pretende ser um estudo, mas um simples apanhado de anotações que fizemos no decorrer dessa excursão.

Nossa primeira parada foi em João Coelho, situada a cerca de 50 km. de Belém. Em João Coelho, entramos em contato com a primeira aglomeração urbana da região bragantina do Pará. As aglomerações que a antecedem, como Ananindeua, Marituba e Benevides, podem ser consideradas como zonas suburbanas de Belém.



Foto nº 1 – Aspecto parcial de João Coelho (Foto do autor)

A "cidade" de João Coelho. — João Coelho, por definição administrativa, é uma cidade. Na realidade, entretanto, assemelha-se mais a um modesto povoado. E a um modesto povoado que parece estar morrendo aos poucos, diante da completa apatia da sua vida econômica. Não foi outra a nossa impressão ao penetrar na sonolenta placidez do desarranjado e mal conservado conjunto de casas e das ruas esburacadas e cobertas de gramíneas dessa povoação (fig. nº 1).

Para quem procede de Belém, a cidade aparece meio de súbito, numa das curvas da estrada. Não porque ela esteja oculta atrás de alguma elevação ou escondida no fundo de algum vale. Na planura coberta pela mata, o horizonte visual é limitado e as cidades amazônicas, por isso, nunca são avistadas de longe. João Coelho não escapa à regra. Na superfície chã da planície quaternária ou da planície terciária, as cidades não surgem aos nossos olhos com aquela visão panorâmica tão característica de inúmeras das cidades de espigão ou de colina do interior de São Paulo.

João Coelho, por isso, não é vislumbrada de longe. A estrada que nos conduz a ela — estrada que a mata parece querer tragar — encurva-se e inclina-se numa suave ladeira para o talvegue do igarapé de João Coelho. Nesse instante descortinamos a primeira rua da cidade, distendida na vertente oposta (foto nº 1).

Essa primeira rua reflete os traços essenciais da paisagem urbana. É uma rua que tem cerca de 500 m de extensão e pouco mais de 20 casas, com aspecto de abandono e semi-ocultas pelas mangueiras. A maioria das ruas apresenta esse mesmo aspecto. Somente junto ao mercado e na quadra fronteiriça à praça da Matriz, as casas se aglomeram, coladas umas às outras (foto nº 2).



Foto nº 2 – Aspecto da área central da cidade. As ruas "do comércio" circundam o edifício do Mercado, que se vê à esquerda (Foto do autor)

Há poucas casas de madeira e menos de 10 de alvenaria. A maioria das habitações é de barrote ou de parede de "enche-meio". O tipo, mais comum de telhado é o de duas águas, coberto com telhas rústicas, cavaco de madeira ou folhas de palmeira.

Não há na cidade um centro comercial característico, a menos que consideremos como tal a área vizinha ao Mercado. Nesse trecho, concentra-se parte do comércio local, instalado nas próprias dependências do Mercado e em suas imediações. A vida social, pela manhã, é relativamente ativa nessa área, sobretudo porque em suas proximidades estão a estação da estrada de ferro e o ponto de parada dos chamados "paus de araras" — caminhões cobertos e com bancos de tábua —, que fazem a linha do interior.

A vida nessa área à tarde e à noite é inteiramente morta. À noite, a função social desloca-se para a praça da Matriz, uma grande praça em quadrilátero, invadida pelas gramíneas e cortada ao meio pelos trilhos da estrada de ferro. A praça assemelha-se mais a um campo aberto, ladeada de longe pelas silhuetas das casas e pelo fundo verde das mangueiras. Do meio dessa enorme praça — que serve também de pasto às poucas cabeças de gado aí existentes — erguem-se o edifício da Prefeitura e o da Matriz, aquele num falso estilo grego e este numa forma quadrangular maciça, com suas torres semi-derruídas. Aqui, nesta praça abandonada e entregue ao domínio da -rama e das ervas daninhas, não há, como em nossas cidades do interior, o clássico coreto, nem os convidativos bancos de jardim. Devido ao calor e ao sol causticante da tarde e à deficiência da iluminação pública, à noite, os passeios de rua são pouco animados. As manifestações de vida coletiva só têm lugar pela manhã, nos domingos de missa, e à tardinha, nas conversas de calçada.

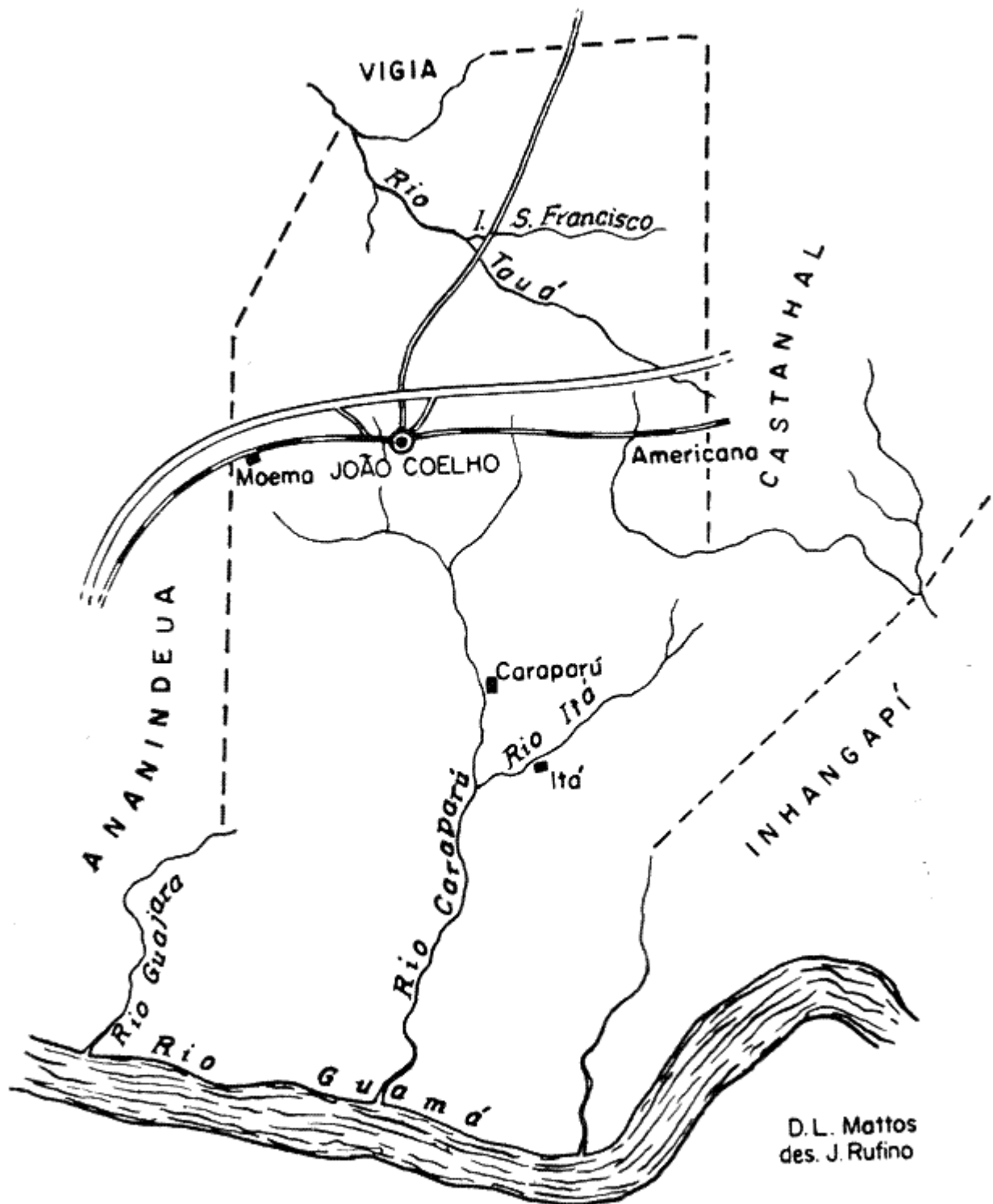


FIG. 2 — Município de João Coelho.

A vida econômica da cidade é de completo marasmo. O comércio é pouco ativo. No grande edifício do Mercado pouca coisa existe à venda e nas lojas e vencias os estoques se reduzem a alguns artigos essenciais, tais como tecidos de algodão, querosene, sal, peixe salgado, etc. Esta situação, aliás, é uma decorrência do baixo padrão de vida população, o qual, por sua vez, reflete as precárias condições de economia regional.

Aspectos regionais. — O município tem urna superfície de 698 km² e uma população de 11.764 hab., o que lhe confere uma densidade demográfica de 16,8

hab./km² (fig. n° 2). Dos distritos que lhe pertencem, um, o de Caraparu, foi estudado pelo prof. A. R. Penteado¹.

(...)

O povoamento. — O povoamento desta região foi provocado por uma política de colonização adotada pelo Governo paraense em fins do séc. XIX. Visou valorizar a ferrovia construída para ligar Belém a Bragança. O presidente da província do Pará, Cardoso Júnior, em 1888, ao justificar o "déficit" apresentado pela Estrada de Ferro de Bragança, diz que era devido à falta de povoamento da região, a qual, com exceção dos núcleos de Benevides, João Coelho e colônia Araripe, que então principiavam a povoar-se, era quase toda despovoada ou continha pequenas barracas dispersas².

A essa declaração, contida na Mensagem Presidencial, cabe-nos acrescentar que a primitiva estrada de Bragança seguia o trajeto percorrido por Pedro Teixeira em 1616. Esse trajeto era o seguinte: subida pelo rio Guamá até Ourém e daí, por terra até Bragança. O caminho percorrido pela estrada de ferro não existia. Ele é de origem recente e foi-se desenvolvendo à medida que avançavam, para leste, os trilhos da ferrovia. Paralelamente à estrada de ferro, surgiu também a estrada de rodagem.

João Coelho foi atingida pela estrada de ferro em 1885 e elevada a vila em 1899. Nessa época, a região fazia parte do município de Belém, com o qual estava ligado por caminhos carroçáveis. Somente em 1932, foi desmembrada de Belém e elevada à categoria de município. São estes, em resumo, os únicos elementos que possuímos para o estudo do povoamento da região.

Na impossibilidade de reconstituir o seu passado, vejamos quais são as possibilidades de retratar o seu presente. O povoamento atual da região está em sua maior parte localizado sobre a terra-firme. Não é no vale do Guamá, situado ao sul do município, mas ao longo da estrada de ferro e da estrada de rodagem, situadas no divisor d'água entre aquele vale e a zona da costa, que o povoamento adquire maior importância.

A ocupação inicial da região de João Coelho foi uma consequência natural da expansão do povoamento da região de Belém e da formação de roças para o abastecimento da capital. É provável, também, que a "hevea", ainda explorada no sul do município, tenha atraído muita gente. Não temos elementos, porém, para saber desde quando é ela explorada e qual foi a primitiva extensão da sua área de ocorrência. Atualmente, a atividade extrativa do "látex" é insignificante, constituindo-se mesmo na mais modesta das atividades econômicas do município (Prod. em 1950: 13 ton, no valor de 156.000 cruzeiros).

Até meados do século atual, a economia rural desse município baseou-se exclusivamente no cultivo da mandioca para a produção de farinha, no de cana-de-açúcar para a produção de rapadura, na exploração da mata para a produção de lenha e carvão e na atividade extrativa de alguns produtos florestais, principalmente fibras, frutos oleaginosos e "látex". Foram estas, queremos crer, as únicas formas de atividades que possibilitaram a ocupação e utilização da terra na região.

¹ Penteado, A. R. — Problemas da Zona Rural da Região de Caraparu e Inhangapi (Baixo Amazonas) — Bol. Paul. Geogr. n° 12, out. 1952, p. 30-40.

² Cruz (Ernesto) — A Estrada de Ferro de Bragança — SPVEA, Belém, 1955, p. 87.

De uns dez anos para cá, a verificação das grandes possibilidades do cultivo da pimenta do reino veio criar novas condições para o povoamento. Graças a essa planta, foi possível orientar parte da imigração japonesa para as terras de João Coelho. Nesse município, pelo que pudemos observar, a maioria dos pimentais pertence aos nipônicos, tendo sido estes os iniciadores do seu cultivo. Não dispomos de cifras referentes ao número de japoneses recentemente entrados no município, mas podemos, baseados nos informes dos próprios colonos, afirmar que esta não é a principal região de colonização japonesa da Amazônia.

O povoamento feito com o concurso do imigrante japonês se faz à base de núcleos coloniais mistos, instalados em diferentes pontos do município. A criação desses núcleos é estimulada pela Superintendência do Plano de Valorização Econômica da Amazônia (S.P.V.A.), que mantém, para isso, um convênio com o Instituto Nacional de Imigração e Colonização (I.N.I.C.).

A população. — O imigrante japonês constitui um elemento novo da população regional. Os colonos mais antigos, que entrevistamos, chegaram à região por volta de 1950. Numerosos ainda falam muito mal o português e a maioria ainda vive à margem da cultura regional, mantendo poucos contatos com a população nacional (foto nº 6).

O grande contingente populacional é formado pelo caboclo de origem amazônica e, secundariamente por nordestinos. O número de europeus — portugueses, italianos, alemães e espanhóis — é insignificante. O número de negros, também, parece ser muito pequeno. Segundo o recenseamento de 1950, a população classificada de "parda" abrangia 8695 pessoas ou seja 73% do total. Essa designação, pelo que pudemos observar na região, não pode se referir ao moreno ou ao mulato, pois os elementos desse tipo não são tão freqüentes como teríamos o direito de supor em face dos dados do censo. O termo "pardo" parece aplicar-se aos indivíduos de pele escura ou, pelo menos, de tonalidade mais escura, sem relação, todavia, com sua ascendência étnica. O grande contingente demográfico da região é constituído por indivíduos de pele amorenada. A cor da pele do estoque humano, principalmente na zona rural, não constitui um traço de influência étnica mas o resultado de uma adaptação do homem às condições da insolação da região equatorial. (...)